

SISTEMA METRICO DECIMAL

As reduções das medidas antigas a modernas podem-se fazer — *tanto pela multiplicação como pela divisão.*

E da mesma forma as reduções de medidas modernas a antigas, os calculos sobre preços, etc.

—1.º exemplo: Querendo reduzir 240 braças a metros, obteremos o mesmo resultado por ambos os processos: pela multiplicação e pela divisão:

$$\left. \begin{array}{l} 240 \times 2,2 \\ 240 \div 0,4545 \end{array} \right\} = 528 \text{ metros.}$$

Tudo depende da relação de que nos servimos para a solução do problema.

No exemplo anterior, *multiplicou-se* a quantidade dada por (2,2), porque a braça linear equivale a 2 metros e 2 decímetros.

No mesmo exemplo *dividiu-se* a quantidade dada por (0,4545), porque o metro linear equivale a 4545 decimos-millesimos da braça.

O resultado é identico.

*

—2.º exemplo: Reduzir 400 metros a covados:

$$\left. \begin{array}{l} 400 \div 0,66 \\ 400 \times 1,515 \end{array} \right\} 606 \text{ covados.}$$

Dividiu-se a quantidade dada por (0,66), porque o covado equivale a 66 centímetros.

Multiplicou-se a mesma quantidade por (1,515), porque o metro equivale a 1 covado e 115 millesimos.

--3.º exemplo : Reduzir 8 arrobas a kilogrammos :

$$\left. \begin{array}{l} 8 \times 14,689 \\ 8 \div 0,068078 \end{array} \right\} 117^k,512$$

Multiplicou-se por (14,689), porque a arroba equivale a 14 kilogrammos e 689 grammos.

Dividiu-se por (0,068078), porque o kilogrammo equivale a 68078 millionesimos da arroba.

.

—Pódem-se assim resolver todas as sortes de problemas de reduções e preços.

Dou em seguida uma tabella das relações das principaes medidas do systema metrico decimal :

*

A braça é igual a 2 metros e 2 decímetros (2,2).

O metro é igual a 4545 decimos millesimos da braça (0,4545).

*

A vara = 1 metro e 1 decímetro (1,1).

O metro = 909 millesimos da vara (0,909).

*

O covado = 66 centímetros (0,66).

O metro = 1 covado e 515 millesimos (1,515).

*

A jarda = 91 centímetros (0,91).

O metro = 1 jarda e 99 millesimos (1,099).

O palmo = 22 centímetros (0,22).

O metro = 4 palmos e 545 millesimos (4,545).

*

A toesa = 1 metro e 98 centímetros (1,98).

O metro = 505 millesimos da toesa (0,505).

*

O pé = 33 centímetros (0,33).

O metro = 3 pés e 3 centesimos (3,03).

*

A braça quadrada = 4 metros quadrados e 84 decímetros (4,84).

O metro quadrado = 20661 centesimos millesimos da braça quadrada (0,20661).

*

O alqueire do Pará = 50 litros.

O litro = 2 centesimos do alqueire (0,02).

*

A arroba = 14 kilogrammos e 689 grammos (14,689).

O kilogrammo = 68078 millionesimos da arroba (0,068078).

*

A libra = 459 grammos (0,459).

O kilogrammo = 2 libras e 1786 decimos millesimos (2,1786).

Aqui vão, para terminar, mais alguns exemplos :

*

—Reduzir 80 varas a metros.

$$\left. \begin{array}{l} 80 \times 1,1 \\ 80 \div 0,909 \end{array} \right\} = 88 \text{ metros.}$$

*

—R. 60 metros a jardas.

$$\left. \begin{array}{l} 60 \div 0,91 \\ 60 \times 1,0989 \end{array} \right\} = 65,9134.$$

*

R. 40 palmos a metros.

$$\left. \begin{array}{l} 40 \times 0,22 \\ 40 \div 4,545 \end{array} \right\} = 8,8$$

*

—R. 30 metros a toesas.

$$\left. \begin{array}{l} 30 \div 1,98 \\ 30 \times 0,505 \end{array} \right\} = 15,15$$

*

—R. 90 pés a metros.

$$\left. \begin{array}{l} 90 \times 0,33 \\ 90 \div 3,03 \end{array} \right\} = 29,7.$$

—R. 600 metros quadrados a braças quadradas.

$$\left. \begin{array}{l} 600 \div 4,84 \\ 600 \times 0,20661 \end{array} \right\} = 123,^{b,q} 966$$

*

—R. 30 alqueires a litros.

$$\left. \begin{array}{l} 30 \times 50 \\ 30 \div 0,02 \end{array} \right\} = 1500 \text{ litros.}$$

*

—Reduzir 400 litros a kilogrammos.

$$\left. \begin{array}{l} 400 \times 0,459 \\ 400 \div 2,1786 \end{array} \right\} = 183,^{k}600$$

*

—Custando o metro 9000 réis, qual o preço do covado?

$$\left. \begin{array}{l} 9000 \times 0,66 \\ 9000 \div 1,515 \end{array} \right\} = 5940 \text{ réis.}$$

OBSERVAÇÃO.—Para se achar a equivalência do metro com as medidas do antigo systema, divide-se 1 metro pela respectiva relação; exemplos:

$$1 \text{ metro} \div 2,2 = 0,4545$$

$$1 \quad \gg \quad \div 1,1 = 0,909$$

$$1 \quad \gg \quad \div 0,66 = 1,515.$$

Etc.

O mesmo processo para as medidas de capacidade, de peso, superficie, cubicas, etc.

HIMNO REPUBLICANO

(Frederico Rhossard)

Em logar do trophéo coroado,
Tôrpe emblema nefando e servil,
Glorioso Estandarte estrellado
Desenróla ante o mundo o Brasil;
E as estrellas são mais peregrinas
Que se fossem cravadas no azul,
Abrigando-se ás luzes divinas
Que desfólha o Cruzeiro do Sul.

Côro:

Liberrimos, agora,
Seremos nós em pról
Da Justiça, — essa intérrmina aurora;
Do Progresso, — esse esplendido sol.

Brande o indio o tacápe possante
E derruba o tuchàua feroz:
O soldado surgiu delirante
E tambem homem foi como nós;
Das montanhas no dorso altaneiro
Liberdade! — o Progresso escreveu;
Liberdade! — cantava o Cruzeiro,
Sentinella fulgente do Cèu!

Toda a America, em luzes banhada,
Sobre nós viu a gloria caír;
O Brasil era a jaça execrada
Do diamante turvando o fulgir.

Mas o Povo, partindo a corrente,
Com a espada o diamante partiu:
Um monarcha tombou de repente,
E sem jaças a pedra se uniu.

Cada folha das nossas florestas
É poema de vida e de amor,
Onde zumbem abelhas em festas,
Onde passam perfumes de flôr;
Do Estandarte as estrellas brilhantes
Fulgem mais que do espaço no azul,
Recebendo os clarões scintillantes
Que dardeja o Cruzeiro do Sul.

Liberdade! pesada avalanche,
Derribaste do sceptro o poder!
Que ao teu nome sagrado não manche
Nunca, o sangue que o Povo verter.
Mas, se logo, ao raiar d'outras eras,
Empanarem teus rubros clarões,
Nós, ovelhas, seremos pantheras!
Nós, cordeiros, seremos leões!

Côro.

Liberrimos, agora,
Seremos nós em pról
Da Justiça — essa intérrmina aurora;
Do Progresso — esse esplendido sol.

A palavra

(PARA EXERCÍCIO DE RECITAÇÃO)

A palavra, esse dom celeste que Deus deu ao homem e recusou a todos os outros animaes, é a mais sublime expressão da natureza ; ella revela o poder do Creador e reflecte toda a grandeza de sua obra divina.

Incorpórea como o espirito que a anima, rapida como a electricidade, brilhante como a luz, colorida como o prisma solar, communica-se ao nosso pensamento, apodera-se d'elle instantaneamente, e o esclarece com os raios da intelligencia, que leva no seu seio.

Mensageira invisivel da idéa, iris celeste do nosso espirito, ella agita as suas azas douradas, murmura ao nosso ouvido docemente, brinca ligeira e travêssa na imaginação, embala-nos em sonhos fagueiros, ou nas suaves recordações do passado.

Reveste todas as fórmulas, reproduz todas as variações e nuanças do pensamento, percorre todas as notas d'essa gamma sublime do coração humano, desde o suspiro até o soluço, desde o gemido até o grito rouco e agonizante.

Às vezes é o buril do estatuário, que recorda as fórmulas graciosas de uma criação poetica ou de uma cópia fiel da natureza : aos retóques d'esse cinzel delicado a idéa se anima, toma um corpo e modêla-se como o bronze ou como a cera.

Outras vezes é o pincel inspirado do pintor, que faz surgir de repente do nosso espirito, como de uma tela branca e intacta, um quadro magnifico, desenhado com essa correcção de linhas e esse brilho de colorido que caracterizam os mestres.

Muitas vezes tambem é a nota sôlta de um hymno, que resôa docemente, que vibra no ar, e vae perder-se além no espaço, ou vem afagar-nos brandamente o ouvido, como o écho de uma musica em distancia.

A sciencia tem nella o seu escalpello, com que faz autopsia do erro, descarna-o dos sophismas que o occultam, e mostra-o claramente áquelles que, illudidos por falsas apparencias, julgam vêr nelle a verdade.

O sentimento faz d'ella a chave dourada, que abre o coração ás suaves emoções do prazer, como o raio do sol que desata o botão de uma rosa, cheia de viço e de fragrancia.

A justiça deu-a á innocencia, como a sua arma de defesa, arma poderosa e irresistivel, que tantas vezes tem suspendido o cutello do algoz e quebrado as pesadas cadeias de ferro das masmorras.

Para o tribuno é uma alavanca gigantesca, com que deslôca as immensas móes do povo e atira-as de encontro ás columnas do edificio social, que estremece, vacilla e se abate ao peso d'essas massas impellidas por um poder quasi sobrehumano.

Eis o que é a palavra : simples e delicada flôr do sentimento, nota palpitante do coração, ella pôde elevar-se até o fastigio da grandeza humana e impôr leis ao mundo do alto d'esse throno, que tem por degráu o coração e por cúpula a intelligencia.

(JOSÉ DE ALENCAR.)



Exulta cametaense!

(Recitado pelo autor no dia 19 de Março de 1904, por occasião da posse da
Directoria do Gabinete Litterario Cametaense.)

EXULTA cametaense! Do livro o templo augusto
Alarga os seus humbraes á sêde do saber:
É o livro palinuro do cerebro vetusto,
Da ardente mocidade—risonho alvorecer!

Do mundo entre os escolhos só elle vae sem susto,
Não teme das procellas o rigido bater:
Por guia leva a idéa, a nortear, sem custo,
O porto alviçareiro da gloria, onde vae ter!

Exulta cametaense! . . . No livro tens a historia
De teus irmãos preclaros, que ao pantheon da gloria
Subiram, vencedores, no eterno reviver!

E os Romualdos bradam: «Foi elle o pedestal
Do bello monumento—ciborio colossal—
Que encerra os grandes nomes, sem nunca perecer»!

BASILIO C. DE CARVALHO

A desinencia “am”

Ao dr. Paulino de Brito

É curiosa a história da terminação das linguagens verbaes paroxitonas que hoje pronunciam se *ão*, embora se escrevam *am*.

Os primeiros documentos da lingua portugueza (1185—1211), recolhidos por J. P. Ribeiro e dados modernamente a lume por F. Adolpho Coelho, trazem a desinencia UM : *fecerum* (fizeram), *conccerum* (conheceram), *overum* (houveram), *derum* (deram), etc.

Documentos dos séculos 13.º, 14.º e 15.º accusam a desinencia ON : *preguntiron*, *disseron*, *mostraron*, etc. (*Cancioneiro* de D. Affonso o sabio). É a orthographia usa-la por Fernão Lopes, que escreveu antes do miado do seculo 15.º, como se pôde ver do seguinte periodo :

«Esta manhã muyto cedo fora Diogo Lopes a a caça dos perligens, e prezos Pedro Coelho e Alvaro Gonçalves, quã lo *foron* buscar Diogo Lopes, *acharon* q'non estava en o lugar, e que se fora polla manhã a a caça; *cerrarom* entonces a porta da Villa, etc.»

(Chronica d'el-rei D. Pedro I).

Mas já desde a segunda metade do seculo 14.º começara-se a operar uma nova evolução nessa forma orthographica, pois desde esse tempo já alguns documentos consignavam a forma AM : *faziam*, *levam*, *leyxam*, *juntam*, *tinham*, etc. (*Livro de linhagens* do Collegio dos Nobres).—Ruy de Pina, que escreveu no principio do seculo 16.º, usa d'ella na sua *Chronica d'el-rei D. Diniz*. Ahi vai um exemplo :

«É por sy falou a todos os senhores, que *eram* com El-Rey, etc.»—«E ha Rainha e ho Infante se *foram* da y ha Pombal, e aly *concetaram*».

Veiu depois á forma *ão*, de que usou no seculo passado Antonio José dos Reis Lobato em sua Grammatica Portugueza : *amávão*, *amárão*, *corrêrão*, etc.

Actualmente usa-se novamente da fórma *am*, resuscitada pela lei da necessidade, comquanto ella não corresponda á pronuncia, pois só a vogal prepositiva fica representada, sendo o *m* um simples signal de nasalidade do *a*.

Entretanto eu prefiro-a, com o meu illustre collega dr. Paulino de Brito, porque presta-se melhor que os accentos para distinguir dos futuros os presentes e preteritos.

Quanto ao facto de não corresponder essa fórma *am* á pronuncia *ão*, necessario é curvarmo-nos ao uso, que é muitas vezes o maior inimigo do bom-senso.

Tambem os portuguezes pronunciam *vintáin*, *báin*, rimando até com *mãe*, ao passo que escrevem, como nós, *vintem*, *bem*. Ora ninguem dirá que esta orthographia corresponde áquella pronuncia.

Tambem nós pronunciamos *bem-in*, *vem-in*, *alguem-in*, e comtudo escrevemos *bem*, *vem*, *alguem*; orthographia que não corresponde á pronuncia, pois aquelle *in* não é representado.

Dou em seguida o quadro synoptico das metamorphoses por que passou a forma orthographica que deu assumpto a este artigo :

Fórmas latinas : ANT, UNT, exemplo : *amant*, *amabant*, *amaverunt*.

Fórmas portuguezas :

- 1.^a : UM : fecerum.
- 2.^a : ON : disseron.
- 3.^a : AM : disseram.
- 4.^a : ão : dissérão.
- 5.^a : AM : disseram.

O ESTUDANTE BRASILEIRO

(R. BERTOLDO NUNES)

Historico ou lendario, o facto é bem frisante :
Grandiosa concepção, exemplo edificante
O d'esse pequenino heróe, filho da Alsacia,
Que em ondas de civismo, em extasis de audacia,
Ao pedagogo cruel que busca deprimir
A Gallia — cuja gloria estende-se ao porvir, —
Tentando com prosapia, arrogancia e ufanía
Da Allemanha mostrar a grande primazia,
Responde sobranceiro, altivo de emoções,
— É affirma que a primeira entre as grande nações,
Na sciencia, na industria, e na arte e no direito,
É a França immortal, que traz dentro do peito !

*
* *
*

Busco o exemplo imitar do heróe alsaciano.
Eu, que sou brasileiro e de sel-o me ufano,
Que admiro e bemdigo a sabia natureza
Com esta terra ideal tão pródiga em riqueza;
Eu, que abro reverente as paginas da Historia
Para ver entre sões os seus brazões de gloria;
Que prézo sobretudo a patria autonomia
É quero ver firmada a sua hegemonia;
Eu — se um dia tambem me perguntassem onde,
Em que parte do mundo o meu paiz se esconde,
Querendo amesquinhar a terra do meu berço,
Que é de certo a melhor que existe no universo,
— Eu, batendo no peito, assim responderia
A' pergunta brutal, á estúpida ironia :
Sabei que vive aqui, grandioso e varonil,
O meu idolatrado e impavido Brasil !

Emprego da terceira pessoa pela segunda

Em portuguez, o tratamento de *tu* só se usa hoje em estylo familiar, e o de *vós* quasi só nos papeis publicos. Supprimol-os pelas locuções pronominaes *Vossa Alteza*, *Vossa Excellencia*, *Vossa Reverendissima*, *Vossa Senhoria*, *Vossa Mercê*, e por *Você*, derivada da ultima ; levando o verbo e pronomes respectivos á terceira pessoa, apezar de nos referirmos á segunda. Exemplos :

1.º—«Senhora: Tem *Vossa Magestade* a *seus* pés a Antonio Vieira neste papel...»

(Padre Antonio Vieira.)

Em logar de : *tens* a *teus* pés, ou *tendes* a *vossos* pés.

2.º—«Alem de tudo isto, *cumprirá* *Vossa Alteza* com que *deve* aos *seus* vassallos.»

(D. Jeronimo Osorio.)

Em vez de : *cumprirás* *tu* com que *deves* a *teus* vassallos, ou *cumpriréis* *vós* com que *deveis* a *vossos* vassallos.

3.º—«E conhecerá o mundo que não sou tão pouco como meus desterros publicam, pois *Vossa Excellencia* me *conserva* no numero de *seus* criados.» (Padre Antonio Vieira.) —Em logar de : me *conservas* no numero dos *teus* criados, ou me *conservais* no numero de *vossos* criados.

4.º—«Primeiramente *Vossa Reverendissima* *está* *havido* na opinião da mais gente d'esta terra, e ainda dos que mais sala lhe fazem, e se lhe mais submettem, por mais amigo do mundo e honra do que esse habito requer.» (D. Jeronimo Osorio.) —Em vez de : *estás* ou *estais* *havido* na opinião da mais gente d'esta terra, e ainda dos que mais salas *te* (ou *vos*) fazem, e se *te* (ou *vos*) submettem...

5.º—« Se *Vossa Senhoria* se *atreve* a não estar mal commigo, eu me atrevo a não estar mal com *Vos*.

sa *Senhoria*.» (D. Francisco Manoel de Mello.)—Em vez de: Se *te atreves*... eu me atrevo a não estar mal *comtigo*; ou : Se *vos atreveis*... eu me atrevo a não estar mal *convosco*.

6.º—« Antes espero que *Vossa Mercê*, com sua grande constancia, nos *dê* a todos exemplos. (Idem.) Em lugar de : nos *dês* ou nos *deis*.

7.º—« Thomé, prohibo-*lhe* que *torne* a abrir a porta ao capitão! ..» «*Faça (você)* o que *lhe* mando se me não quer morto.» (Rebello da Silva.) — Em vez de : Prohibo *te* que *tornes*... *Faze* o que *te* mando.... Ou : Prohibo-*vos* que *torneis*... *Fazei* o que *vos* mando.

Outros exemplos :

8.º—« *Fale-me* sem rodeios—disse o frade com voz sumida : —o medico *pedia-lhe* que me fosse dispondo, não é isso?...» (Rebello da Silva.)

9.º—« *Tem* ordem, meu querido?... Pois não *vem* prestar-me os auxilios espirituaes? » (Idem.) Subentende-se o sujeito *você*, o *senhor*, ou outro semelhante.

10.—« O *senhor* não *confia* em *seus* amigos, e os *offende* de um modo indesculpavel.» (Dr. Joaquim Manoel de Macedo.)

11.—« Quero confessar-*lhe* o que se passa no meu coração; *venha*, para eu abrir-*lhe* a minha alma toda e pedir-*lhe* que me *ampare*.» (Luiz Guimarães Junior.)

12.—« Mas se *você acha* que *a* aborreço, não *venha* mais commigo —concluiu Sophia.» (Machado de Assis.)

Deve-se portanto usar d'esta substituição sempre que não pudermos dar á pessoa a quem nos dirigimos o tratamento de *tu*.

É preciso, porem, evitar amphibologias, como se dá neste exemplo :

« Amigo, tratei hoje com Pedro do *seu* negocio.»
Negocio de quem? de Pedro ou do amigo? —É tambem a que resulta do emprego dos pronomes *si* e *sigo* em lugar de *ti*, *vos*, *tigo*, *vosco*. Exemplos :

« Elle referiu-se a si. » Fica-se em duvida se elle referia se á sua propria pessoa, ou á pessoa com quem falamos.

« Pedro falou *comsigo* hontem. » O mesmo sentido dubio.

Taes expressões são intoleraveis, por causa do equivoco a que se prestam.

Para desfazer as ambiguidades, diga-se :

Elle referiu-se *ao senhor, a você, a vossa senhoria,* etc. ; Pedro falou *com o senhor, com vossa mercê, com você,* etc.

Tratando d'este assumpto, eis o que diz o dr. Carneiro Ribeiro :

« Isto não obstante, temos que se deve lançar á conta de faltas e descuidos censuraveis esse emprego nas ditas variações, que significariam a'ssim relações equivocadas e contradictorias: as linguas quanto mais claras, tanto mais se approximam do typo de perfeição a que todas tendem insciente e instinctivamente...

« O embaraçoso, o ambiguo, o obscuro, portanto, deve-o repellir a sciencia da linguagem. » (*Grammatica*, 179.)

*
* *

Depois de publicado pela primeira vez o artigo precedente, li as seguintes considerações do meu velho e particular amigo professor Araujo Nunes, insertas em o n. 47 d' *O Porvir*, as quaes aqui reproduzo com a devida venia, como complemento ao dito artigo.

« *A Provincia do Pará* publicou em seu numero 3846 um artigo grammatical do nosso amigo Vilhena Alves acerca do emprego da terceira pessoa pela segunda.

« Li com muita attenção o artigo mencionado, como costume fazer com tudo quanto sae da penna do nosso illustrado e talentoso conterraneo, principalmente porque versava elle sobre um assumpto a res-

peito do qual havia com elle conversado, fazendo-lhe notar a fórma do tratamento por nós usada, em contradicção com a explicação dada pelos compendios de grammatica relativamente á variação *the*.

«O sr. Vilhena Alves demonstrou á sociedade que nas nossas fórmas usadas de tratamento—Vossa Magestade, Vossa Alteza, Vossa Excellencia, Vossa Reverendissima, Vossa Senhoria, Vossa Mercê, e Você,—nem só levamos os adjectivos e pronomes respectivos, como tambem os verbos, para as terceiras pessoas, apesar de nós referirmos á segunda, e comprovou-o com exemplos dos classicos mais auctorizados, dos quaes reproduzo os seguintes, de Rebello da Silva, que achei muito frizantes :

« Thomé, prohibo *lhe* que torne a abrir a porta ao capitão ! *Faça* o que *lhe* mando, se não me *quer* morto. »

« *Falle-me* sem rodeios — disse o frade com voz sumida— o medico pediu *lhe* que me *fosse* dispondo, não é isso ? »

« Sem duvida, por desnecessario, o sr. Vilhena Alves deixou de apresentar alguns casos em que entrasse o pronome pessoal —*o*—, como, por exemplo, o seguinte:—O' José, encontraste hontem o homem que procuravas ?—Encontrei-*o* (encontrei a elle, o homem), e vi-*o* (vi a você) tambem, sôr maganão, naquella certa paragem . . .

« Terminou o sr. Vilhena Alves, occupando-se dos pronomes *si* e *sig*, muitas vezes empregados erroneamente, por falta de attender-se a que, como reflexos que são, fazem com que a acção do verbo recia sobre o sujeito, como o observou o sr. José C. Corrêa nos seus *Estudinhos da Lingua Portuguesa*, notando não haver Julio Diniz escripto correctamente o seguinte :

« Eu não *lhe* offereço do meu jantar porque não é feito para *si*.

« De inteiro accordo com o sr. Vilhena Alves sobre o alvitre a tomar-se, afim de não incorrer-se em erro, acho tambem que se deve ter muito em vista a

seguinte observação feita por Condurú, em uma nota de sua *Grammatica Elementar*, 15.^a edição:— ... *se, si, sigo* só se empregam em phrases cujo sujeito é identico : portanto não se deve dizer : Job entrou quando falavamos de *si*, porque o sujeito de *falavamos* é *nós* e não Job.

« Araujo Nunes. »

*
*
*

NOTA. — Á vista das observações precedentes, incluí no meu artigo o exemplo n. 12, supprindo assim a lacuna que fôra notada pelo exemplar educador vi-giense.

V. ALVES.

